

“Os papas abusaram da Bíblia
para lucrar com o comércio de escravos”. Pe. Pius Adiele Onyemechi



quando a Igreja
amava todos os homens,
exceto os africanos

O livro de um padre nigeriano revela o papel dos papas na prática da escravidão até 1839. “Os papas abusaram da Bíblia para lucrar com o comércio de escravos”. Estas palavras não são ditas por um qualquer autor de *Thriller Trash* a base de escândalos do Vaticano, mas por um historiador sério que sobre o tema desfruta de dupla legitimação. É nigeriano (portanto, parte interessada) e, principalmente, é um padre católico. Chama-se PIUS ADIELE ONYEMECHI e exerce, há vinte anos, o seu ministério na Alemanha, na região de Baden-Württemberg.

A reportagem é de RITA MONALDI e FRANCESCO SORTI, publicada por *La Stampa*, 12-11-2017.



A sua pesquisa inovadora *The Popes, the Catholic Church and the Transatlantic Enslavement of Black Africans 1418-1839* (p. XVI / 590, € 98 Olms, 2017), que já desperta discussões entre os historiadores, derruba o velho dogma segundo o qual o papado se manteve, basicamente, alheio ao maior massacre de todos os tempos: o tráfico de escravos. Uma tragédia secular que - como recorda o grande escritor dinamarquês Thorkild Hansen, na sua clássica trilogia sobre a escravidão – causou no mundo mais de oitenta milhões de mortes.

Uma surpresa

Foi há poucos meses, precisamente, que a prestigiada Academia de Ciências de Mainz concluiu um colossal projeto de pesquisa sobre a história da escravidão que durou sessenta e cinco anos, e teve a colaboração de pesquisadores de primeira linha, como o sociólogo de Harvard Orlando Patterson (ele próprio descendente de escravos), e o historiador da antiguidade Winfried Schmitz. Quase a encerrar o projeto, surgiu o livro de Onyemehi: uma radiografia minuciosa do papel dos papas no comércio de escravos na África, dos séculos XV ao XIX, a era de ouro do comércio escravagista. Pela primeira vez, guiado pelo som de datas, factos e nomes, Onyemehi aponta o dedo a responsabilidades morais e materiais, dando início a um acerto de contas com o passado, no exato momento em que a Igreja de Roma, na sua tradição secular de apoiar os mais fracos, apela à solidariedade para com os migrantes. Como o próprio autor resume, os resultados "muito surpreendentes" que vieram à luz "apontam um dedo para as feridas desse capítulo sombrio da História e da vida da Igreja católica".

“A Igreja”, explica o autor, “abusou da passagem bíblica contida no capítulo 9 do Génesis”, em que se afirma que todos os povos da terra são descendentes dos filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé. Depois do dilúvio, Cam revelou aos seus irmãos ter visto o pai deitado bêbado e nu. Noé amaldiçoou Cam, juntamente com todos os seus descendentes, condenando-os a tornarem-se servos de Sem e de Jafé. A Igreja afirmou, então, que os africanos seriam descendentes de Cam. Ainda em 1873, Pio IX, iria convidar todos os crentes a rezar, para que fosse retirada a maldição que Noé lançara sobre a África.

Documentos desaparecidos

No nosso romance *Imprimatur* divulgamos o caso de Inocêncio XI Odescalchi (1676-1689), que era dono de escravos, tinha negócios com mercadores de escravos, e subjugava os presos com correntes nas galés pontificias. Os documentos que o provam, publicados

em 1887, desapareceram, misteriosamente, logo em seguida. Claro que, no século XVII, ainda estavam para chegar os modernos direitos humanos, mas o certo é que, passados alguns anos, em 1956, o papa Odescalchi foi beatificado e indicado para a canonização em 2002.

Onyemechi desenterrou milhares de contradições deste tipo. Originalmente, o comércio de escravos visava a China, a Rússia, a Arménia e a Pérsia; eram realizados mercados internacionais em Marselha, Pisa, Veneza, Génova, Barcelona e Verdun. Tais rotas desapareceram com o tempo, exceto as africanas. E porquê? Terá sido a Igreja a desempenhar aqui um papel decisivo, recomendando a soberanos e imperadores que "preferissem" escravos africanos. Fizeram-no bispos e, até, papas como Paulo V.

A justificação era retirada não só da Bíblia, mas também de Aristóteles, para o qual alguns povos eram, simplesmente, "escravos por natureza". Uma visão depois retomada por São Tomás e pela influente faculdade teológica de Salamanca, nos séculos XV e XVI. Padres da Igreja, como Basílio de Cesareia, Santo Ambrósio, Gregório de Nissa, João Crisóstomo e o próprio Santo Agostinho, pelo contrário, justificavam a escravidão como resultado do pecado original.

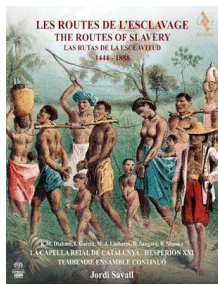
Portugal

Em meados do século XV, Nicolau V concedeu a Portugal o direito de evangelizar, conquistar e deportar "em escravidão perpétua", os africanos, catalogados como inimigos do cristianismo, juntamente com os sarracenos (que, na verdade, eram bem mais perigosos e massacravam, estes sim, os reinos cristãos). Os seus sucessores Calisto III, Sisto IV, Leão X e Alexandre VI nada mais fizeram, além de confirmar e ampliar os direitos concedidos a Portugal. Outros papas (Paulo III, Gregório XIV, Urbano VIII, Bento XIV), nas suas Bulas oficiais, declaravam-se contrários à escravidão dos índios norte-americanos, mas não à dos africanos.

A Igreja obteve um retorno económico concreto da escravidão. Foram extremamente ativos os missionários portugueses e, especialmente, os jesuítas, que compravam escravos para os empregarem nas suas plantações, no Brasil e no Maryland. Ou para os revenderem, servindo-se dos seus navios negreiros "privados", que transportavam a mercadoria humana do Congo, Luanda e São Tomé para o Brasil. Onyemechi cita um contrato através do qual, em 1838, o Provincial dos Jesuítas do Maryland, Thomas Mulledy, vendeu duzentos e setenta e dois escravos africanos. Preço: 115.000 dólares a "peça". A evangelização consistia, principalmente, em batizar, à pressa, os escravos, antes de os embarcar. Aliás, todo o mecanismo garantia que fossem mantidos bem longe da palavra de Cristo. Os lucros eram reinvestidos em novas campanhas de agressão e deportação.

"Apenas em 1839, a Igreja reconheceu os africanos como seres humanos como todos os outros", lembra o historiador de origem nigeriana. Isto foi sancionado numa Bula de Gregório XVI, na verdade um pouco tardia: o comércio de escravos já tinha sido abolido em quase todos os países entre 1807 e 1818, e os Ingleses já se tinham afastado desta atividade desde o final do século XVIII. Onyemechi trabalhou em fontes originais nos arquivos secretos do Vaticano e de Lisboa (para decifrar os manuscritos lusitanos, aprendeu o português a partir do zero), e propiciou-nos uma duradoura contribuição (realizada com uma rotina teutónica, todos os dias das três às oito da manhã) na busca da verdade histórica. Esta sua pesquisa não deve causar desagrado em Roma, dada a atenção dedicada pelo papa Francisco - também ele um jesuíta - aos povos da África.

as Rotas da Escravatura, de Jordi Savall



É UMA VOZ ROUCA E PROFUNDAMENTE AFRICANA aquela que nos traz a voz do padre Antônio Vieira: “Os Senhores poucos, os Escravos muitos; os Senhores rompendo galas, os Escravos despidos, e nus; os Senhores banqueteando, os Escravos perecendo à fome; os Senhores nadando em ouro, e prata, os Escravos carregados de ferros; (...) Estes homens não são filhos do mesmo Adão, e da mesma Eva? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo Cristo?”

Este excerto do *XXVII Sermão do Rosário – Maria Rosa Mística* é um dos textos que Jordi Savall nos traz nest’*As Rotas da Escravatura*. O itinerário da obra começa com a evocação da primeira expedição portuguesa para capturar escravos na Guiné, em 1444, e termina 444 anos depois, em 1888, data da abolição da escravatura no Brasil. O percurso musical traz-nos à memória o pico de uma tragédia na qual Portugal tem um papel bem triste, mas que já existira antes e ainda perdura nos nossos dias, mesmo que formalmente extinta.

O programa deste duplo disco, livro e DVD (cujo espectáculo passou por Lisboa em Abril do ano passado) é um diálogo intenso entre músicas do Mali, México, Colômbia e Brasil. São canções que falam da religiosidade africana, dos sofrimentos e lamentos, dos trabalhos e das penas, a par das pequenas alegrias, dos amores e rituais quotidianos, quase sempre marcados pela música e pela dança – únicos espaços de liberdade que ninguém podia tirar aos escravos, como escreve Jordi Savall.

Apesar de o diálogo intercultural e inter-religioso através da música ser desde há muito uma das marcas do humanismo savalliano, é a primeira vez que o maestro e compositor catalão penetra na África subsariana. E o resultado é verdadeiramente espantoso, com as vozes e os instrumentos dos três continentes e no qual se destacam as vozes de Kassé Mady Diabaté ou Maria Juliana Linhares ou a deliciosa kora de Ballaké Sissoko (mas é injusto deixar de lado os restantes músicos, cantores e o recitador). Savall devolve-nos a memória dos cerca de 25 milhões de africanos sujeitos a este tráfico infame e que não podem ser esquecidos (um número equivalente continua, ainda hoje, sujeito a condições de escravatura). A beleza e profundidade desta obra a isso nos obrigam.

Les Routes de l’Esclavage

Intérpretes: K. M. Diabaté, I. Garcia, M. J. Linhares, B. Sangaré, B. Sissoko, La Capella Reial de Catalunya, Hespèrion XXI, 3MA e Tembembe Ensemble Continuo; dir. Jordi Savall

Edição: Alia Vox

(mais informações: vgm@plurimega.com)

(Texto publicado na revista *Além-Mar*, em Abril de 2017)

<http://religionline.blogspot.pt/2018/02/musicas-que-falam-com-deus-38-as-rotas.html>

Vamos ao degelo?

A nossa vida só se realiza quando se torna dom. A esmola não é o ato burocrático do dar, mas a criativa expressão do dar-se

A primavera não é apenas fora de nós que acontece: somos chamados a romper com o inverno gelado e a sentir que há um degelo interior. Alguma coisa é possível fazer pela vida, mas a partir de dentro, do seu âmago. Temos de desconfiar tanto dos automatismos que nos vendem pacotes de felicidade prontos a dissolver, como do derrotismo de quem na vida só vê irreversibilidades e impossíveis declarados. Não há botões mágicos, mas há caminhos, sementes, há o morrer e o nascer internos, o cair e o reerguer-se, há fundamentais tomadas de consciência e uma necessária resiliência criativa. Em breve olharemos para a natureza à nossa volta e sentiremos que alguma coisa está a acontecer: as árvores mais verdes, o ciclo da natureza a transmutar-se, o clima a mudar. Tudo se prepara para uma estação diferente.

Em breve olharemos para a natureza à nossa volta e sentiremos que alguma coisa está a acontecer: as árvores mais verdes, o ciclo da natureza a transmutar-se, o clima a mudar

Anualmente os cristãos fazem da preparação para a Páscoa um tempo de exercícios espirituais que se prolonga por 40 dias e, por isso, vem chamado de quaresma. A quaresma desafia à mobilização interior, à insurreição contra o fatalismo, à revisão de vida e à conversão dos nossos estilos de viver num confronto renovado com a frescura e a força profética do evangelho. Os crentes são convocados para colocar o calçado de peregrinos e fazer-se à estrada. A espiritualidade não é uma zona de conforto, é um caminho que temos de abraçar. Na mensagem para a quaresma deste ano, o Papa Francisco recorda-nos que na “Divina Comédia”, Dante Alighieri

imagina o diabo sentado num trono de gelo e que o nosso dever é não deixar o amor esfriar-se.



Para este programa de revitalização que a quaresma representa, a tradição cristã recomenda três ferramentas ascéticas. A primeira delas é a oração. A oração parece uma coisa inútil. Entre a ação e a contemplação achamos sempre que devemos privilegiar a ação, pressionados pelas necessidades reais e imaginárias que nos impomos. A contemplação rompe com esse cerco. Faz-nos parar, procurar o silêncio, desejar o amparo da presença escondida de Deus, dar tempo à escuta da sua palavra. Permite expormo-nos de uma forma

desarmada, experimentando concretamente o poder da oração. Nós somos obstinados e duros e para nos tornarmos maleáveis, precisamos, à maneira dos metais, de atingir a temperatura propícia que a oração nos oferece. A outra ferramenta é o jejum, um precioso instrumento espiritual partilhado por tantas outras tradições religiosas e até por não-crentes. Para lá dos credos, percebemos as vantagens dessa privação que nos reorienta para o essencial, pois vivemos com demasiadas coisas e facilmente nos metemos na nossa bolha, num narcisismo incapaz de olhar em seu redor. Temos de olhar de forma mais crítica para os nossos hábitos de consumo e refletir sobre aquilo de que nos alimentamos (que é comida, claro, mas também imagens, palavras, rotinas, etc). O jejum é readquirir a liberdade de dizer “não”, para conseguir dizer um “sim” que o seja verdadeiramente. O jejum não é para nos acabrunhar. Normalmente até melhora o sentido de humor, pois ajuda-nos a relativizar a tirania deste ponto cinzento em que enclausuramos o quotidiano. A terceira ferramenta é a visão solidária da vida que somos motivados a assumir em gestos concretos de compromisso com as necessidades dos outros através da esmola. A nossa vida só se realiza quando se torna dom. A esmola não é o ato burocrático do dar, mas a criativa expressão do dar-se. Dar-se mais aos outros, dar o seu tempo, a sua atenção, o seu cuidado. Aprender a partilhar e a repartir. Como diz o Papa Francisco na sua mensagem, “aquilo que possuo, nunca é só meu”.

JOSÉ TOLENTINO MENDONÇA. Presbítero, poeta e teólogo português. É professor e vice-reitor na Universidade Católica Portuguesa.

in **Expresso**, 18.02.2018

Para, olha e retorna!

O tempo da **Quaresma** é propício à correção dos acordes dissonantes da nossa vida cristã e ao acolhimento da notícia sempre nova, feliz e esperançosa da Páscoa do Senhor. Na sua sabedoria materna, a Igreja propõe-nos prestar especial atenção a tudo o que possa arrefecer e oxidar o nosso coração crente. Múltiplas são as tentações a que nos vemos expostos. Cada um de nós conhece as dificuldades que deve enfrentar. E é triste constatar, nas vicissitudes diárias, como se levantam vozes que, aproveitando-se da amargura e da incerteza, nada mais sabem semear senão desconfiança. E se o fruto da fé é a caridade – como gostava de repetir Santa Teresa de Calcutá –, o fruto da desconfiança é a apatia e a resignação. Desconfiança, apatia e resignação: os demónios que cauterizam e paralisam a alma do povo crente.

A **Quaresma** é um tempo precioso para desmascarar estas e outras tentações, e deixar que o nosso coração volte a bater, segundo as palpitações do coração de Jesus. Toda a sua liturgia está impregnada por este sentimento, podendo-se afirmar que ele ecoa em três palavras que nos são oferecidas para «aquecer o coração crente»: para, olha e retorna.

Para um pouco, deixa essa agitação e esse correr sem sentido que te enche a alma de amargura, ao sentir que nunca chegas a parte alguma.

Para, deixa essa obrigação de viver de forma acelerada, que dispersa, divide e acaba por destruir o tempo da família, o tempo da amizade, o tempo dos filhos, o tempo dos avós, o tempo da gratuidade... o tempo de Deus.

Para um pouco com essa necessidade de aparecer e ser visto por todos, exhibir-se constantemente «na vitrina», que faz esquecer o valor da intimidade e do recolhimento.

Para um pouco com esse olhar altivo, com esse comentário ligeiro e desdenhoso que nasce do facto de se ter esquecido a ternura, a compaixão e o respeito pelo encontro com os outros, especialmente os vulneráveis, feridos e até imersos no pecado e no erro.

Para um pouco com essa ânsia de querer controlar tudo, saber tudo, devassar tudo, que tem a sua origem no facto de se ter esquecido a gratidão pelo dom da vida e por tanto bem recebido.

Para um pouco com o ruído ensurdecedor que atrofia e atordoia os nossos ouvidos e nos faz esquecer a força fecunda e criativa do silêncio.

Para um pouco com a atitude de fomentar sentimentos estéreis e infecundos que derivam do isolamento e da autocomiseração, e nos levam a esquecermo-nos de sair ao encontro dos outros, para compartilhar os seus fardos e sofrimentos.

Para diante do vazio daquilo que é instantâneo, momentâneo e efémero, que nos priva das raízes, dos laços, do valor dos percursos e de nos sentirmos sempre a caminho.

Para, para olhar e contemplar!

Olha os sinais que impedem que em nós se extinga a caridade, que mantêm viva a chama da fé e da esperança. Rostos vivos com a ternura e a bondade de Deus, que age no meio de nós.

Olha o rosto das nossas famílias que continuam a apostar, dia após dia, fazendo um grande esforço para avançar na vida e que, entre muitas carências e privações, não descaram a mínima tentativa de fazer da sua casa uma escola de amor.

Olha os rostos interpeladores das nossas crianças e jovens carregados de futuro e de esperança, carregados de amanhã e de potencialidades, que exigem dedicação e salvaguarda. Rebentos vivos do amor e da vida, que sempre acabam por conseguir abrir caminho por entre os nossos cálculos mesquinhos e egoístas.

Olha os rostos dos nossos idosos, enrugados pelo passar do tempo: rostos portadores da memória viva do nosso povo. Rostos da sabedoria operante de Deus.

Olha os rostos dos nossos doentes e de quantos se ocupam deles; rostos que, na sua vulnerabilidade e no seu serviço, nos lembram que o valor de cada pessoa não pode, jamais, reduzir-se a uma questão de cálculo ou de utilidade.

Olha os rostos arrependidos de muitos que procuram remediar os seus erros e disparates e, a partir das suas misérias e amarguras, lutam por transformar as situações e continuar em frente.

Olha e contempla o rosto do **Amor Crucificado**, que continua hoje, a partir da cruz, a ser portador de esperança; mão estendida para aqueles que se sentem crucificados, que experimentam, na sua vida, o peso dos fracassos, dos desenganos e das desilusões.

Olha e contempla o rosto concreto de Cristo crucificado por amor de todos sem exclusão. De todos? Sim; de todos. Olhar o seu rosto é o convite cheio de esperança deste tempo de Quaresma, para vencer os demónios da desconfiança, da apatia e da resignação. Rosto que nos convida a exclamar: o Reino de Deus é possível!

Para, olha e retorna.

Retorna à casa de teu Pai. Regressa sem medo aos braços ansiosos e estendidos de teu Pai, rico em misericórdia (cf. Ef 2, 4), que te espera!

Retorna! Sem medo: este é o tempo oportuno para voltar a casa, a casa do «meu Pai e vosso Pai» (cf. Jo 20, 17). Este é o tempo para nos deixarmos tocar no coração... Permanecer no caminho do mal é fonte, apenas, de ilusão e tristeza. A verdadeira vida é outra coisa muito diferente, e bem o sabe o nosso coração. Deus não Se cansa nem Se cansará de nos estender a mão (cf. Bula *Misericordiae Vultus*, 19).

Retorna sem medo, a fim de experimentares a ternura sanadora e reconciliadora de Deus! Deixa que o Senhor cure as feridas do pecado e cumpra a profecia feita a nossos pais: «E dar-vos-ei um coração novo; e um espírito novo darei em vós; e removerei o coração de pedra da vossa carne e dar-vos-ei um coração carnal » (Ez 36, 26).

Para, olha e retorna!

Papa Francisco (Homilia na 4ª feira de Cinzas, 14/02/2018)